

JOBIM, José Luís (ed.) *Literary and Cultural Circulation*. Oxford: Peter Lang, 2017. 388 p. ISBN 9781787073241

JOBIM, José Luís (ed.) *A circulação literária e cultural*. Oxford: Peter Lang, 2017. 388 p. ISBN 9781787073258

Larissa Moreira Fidalgo<sup>1</sup>

Os ensaios selecionados por José Luís Jobim em seu mais recente livro, editado em inglês e na tradução portuguesa, *Literary and Cultural Circulation / A circulação literária e cultural*, indicam o produtivo percurso teórico-crítico que o autor vem desenvolvendo sobre os processos de circulação literária e cultural em um mundo cada vez mais pautado pelos princípios de troca e mercadoria. Se em *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional* (JOBIM, 2013), Jobim chamou atenção para a necessidade de se criar um novo quadro de referências dentro dos projetos transformativos das antigas nacionalidades que se engajaram nos empreendimentos dos blocos transnacionais, em *Literary and Cultural Circulation / A circulação literária e cultural*, observamos o aprofundamento dessas questões pelo viés da construção de um efetivo compartilhamento cultural, numa reelaboração das formas de convivência política e estética. Trata-se, portanto, de uma abordagem que vai além da integração de comunidades que suplantam as fronteiras nacionais, sendo, antes de mais nada, um processo dialógico entre diversos agentes interculturais. Nessa perspectiva, no livro em questão, dezessete diferentes vozes se articulam para compor um mosaico em torno de culturas e literaturas diversas, envolvendo discussões teóricas no espaço do comparativismo e da atividade crítica. Temporalidade, espacialidade, originalidade, autonomia, transferência, entre outros, são mapeados no tempo de uma ordem capitalista transnacional a que se chamou de *globalização* e na qual a enunciação literária se inscreve. Dessa forma, descreveremos, brevemente, em seguida, as questões que norteiam os pensamentos desenvolvidos em cada um desses textos.

Em “Intempestividade, reconhecimento e respeito na obra de Gonçalo Tavares”, Helena Buescu, professora de Literatura Comparada da Universidade de Lisboa, propõe

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense.

um espaço de reflexão no âmbito da circulação literária tomando como ponto de partida o conceito de intempestividade. Trazendo à baila as considerações de Claudio Guillén acerca do caráter polifônico da temporalidade para pensar a forma como o fenômeno literário se relaciona com suas outras ocorrências históricas, Buescu nos mostra que não devemos considerar o discurso literário como “definitivamente enclausurado no passado, porque pela sua capacidade de intermitência ele pode reaparecer, repetido e entretanto novo, num contexto histórico imprevisível”. Nesse processo, compreendendo o anacronismo como uma espécie de historicidade e sugerindo uma nova forma de entrada no romance *Uma menina está perdida em seu século à procura do pai*, do português Gonçalo Tavares, calcada no retorno à noção de cosmopolitismo e sua imbricação na noção de “humanidade”, a autora nos leva a pensar sobre a ressignificação dos conceitos de “reconhecimento” e “respeito” enquanto agentes de diferentes processos de transculturação da nossa sociedade pós-ideológica.

Em “A circulação cultural e a idade das culturas em Witold Gombrowicz”, Olga Kempinska, professora associada de Teoria da Literatura da Universidade Federal Fluminense, também focaliza algumas características da temporalidade, entretanto sob outro viés. Reconhecendo a relevância da questão do tempo na teoria cultural na década de 30, Kempinska observa nos originais estudos de Gombrowicz, escritor polonês radicado na Argentina, um campo fecundo para redefinições significativas em torno da violência mimética que sustentaria a circulação cultural. Evidenciando que a noção de “cultura madura”, para Gombrowicz, enquanto aquela que atuaria imperativamente sobre as demais, significa também um fechamento dentro de um conjunto de saberes e discursos, Kempinska nos mostra que em ambientes culturais em que a “forma” é menos cristalizada, seria mais fácil esquivar-se àquela herança forjada, tanto no contexto individual quanto no domínio da estética.

Em “Circulação e princípio constitutivo”, Fabio Durão, professor de Teoria Literária da Universidade de Campinas, destaca o diálogo mantido pela literatura com as transformações econômicas ocorridas na indústria cultural, observando que num espaço plenamente regido pelo princípio de troca, “circulação” e “mercadorização” tendem a se equivaler, desafiando as tradicionais concepções de obra como um objeto autônomo. Assim, ao direcionar sua atenção para os recursos simbólicos de *Ulisses*, de James Joyce, e para o modo como as poéticas mais ambiciosas desenvolvem, paradoxalmente, estratégias de defesa contra sua própria circulabilidade, Durão nos mostra que a circulação, característica imanente à literatura, nos oferece não apenas a possibilidade de

uma reconfiguração da história literária, como também um novo palco para a descrição do drama da literatura na contemporaneidade.

Se pensar a literatura na contemporaneidade significa também compreendê-la como representativa de um contexto caracterizado pela ubiquidade das mídias, o ensaio de Begoña Regueiro, Amelia Sanz e Miriam Llamas merece especial atenção. Em “Literaturas para um imaginário global: a circulação da literatura digital em espanhol”, as pesquisadoras da Universidade Complutense de Madri examinam as novas práticas de leitura que não mais se restringem à página impressa. Voltando-se para a circulação de literaturas digitais em espanhol como *modus operandi* que pode ser estudado em termos de suas origens e mobilidade, Regueiro, Sanz e Llamas nos mostram as contribuições de alguns discursos globais que atravessam essas literaturas e as diversas estratégias que contribuem para o desenvolvimento de uma hipermídia por meio da globalização do cotidiano e da fricção entre um discurso global específico e os estereótipos culturais nacionais ou locais.

O desafio de compreender esse feixe complexo de elementos em um contexto em que publicar e ler um texto literário se faz a partir da linguagem digital também é estudado por Laura Gómez, em seu ensaio “O *e-book* em espanhol, um objeto global de circulação”. Observando como as novas práticas de distribuição e consumo do livro digital em espanhol modificam a produção de imaginários literários, tanto locais como globais, Gómez destaca a necessidade de um diálogo multidirecional que enriqueça a oferta de conteúdos em espanhol diante desse novo espaço de transculturação controlado pela indústria peninsular.

Voltando-se criticamente para a relação entre as teorias e a realidade histórico-cultural dentro de um constructo discursivo maior denominado América Latina, está o ensaio “Revisitando a transculturação na América Latina: a questão do Realismo Maravilhoso”, de Eduardo F. Coutinho, professor de Literatura Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Observando na multiplicidade da produção latino-americana um espaço de questionamento acerca de qualquer tipo de discurso monológico preocupado com a busca de identidade sob uma lógica ontológica, Coutinho nos lembra da importância do conceito de *transculturação* para pensarmos a incorporação transformadora de formas culturais hegemônicas na produção simbólica latino-americana. Trazendo à baila o romance *Cem anos de Solidão*, de García Márquez, que opera na tensão entre o natural e o sobrenatural, Coutinho assinala a produtividade da narrativa do “realismo maravilhoso”, que resultou da transculturação de formas distintas

do fantástico europeu com aspectos oriundos da tradição cultural indígena e dos africanos trazidos para o continente como escravos.

Em “J.J. Slauerhoff, literatura holandesa e literatura-mundo”, Theo D’Haen, professor de Literatura Comparada da Universidade de Leuven, questiona-se acerca da ausência das poéticas holandesas nas antologias de literatura-mundo. Examinando o modernista J.Slauerhoff, autor que escreveu muitos poemas em francês, buscando seus assuntos em lugares cultural e geograficamente distintos, D’Haen defende a necessidade de se superar o modelo tradicional de estudo da literatura em parâmetros nacionais para se estabelecer uma análise das produções europeias que respeite a multiplicidade evidente desse continente, com todas as mudanças nas hierarquias canônicas que isso possa implicar.

Em “Quando a América se torna pela primeira vez latina”, Paulo Moreira, professor associado na Universidade de Oklahoma, aprofunda questões extremamente importantes aos estudiosos da chamada *literatura latino-americana*. Analisando a genealogia da ideia de *América Latina*, Moreira aponta para uma complexa estrutura dialética entre estranhamento e reconhecimento ancorada em projetos imperialistas que marcaram uma certa organização social em que descendentes de colonizadores europeus e africanos brutalmente explorados foram dispostos em relações assimétricas, que não foram modificadas após as independências. Nesse mosaico de conflitos construído sobre diferentes discursos de alteridade, Moreira, recuperando o pensamento de Edward Said, em *Orientalismo*, nos mostra que uma mudança significativa somente acontecerá a partir do século XIX quando, desde uma perspectiva europeia, não se enxerga mais apenas o *outro* nas Américas, mas também uma continuidade de si mesmo, num complexo jogo de espelhos.

Mapeando sua trajetória intelectual no âmbito dos estudos comparatistas em torno da circulação literária no mundo de língua portuguesa, principalmente frente aos processos de globalização cultural, Benjamin Abdala Junior, em “Literatura Comparada e circulação literária: reflexões sobre um percurso crítico”, nos lembra de que as relações comunitárias, hoje, são laços de uma sociedade que tende a se organizar em redes com escalas planetárias. Observando que nos países ibero-americanos e ibero-afro-americanos, esses laços linguístico-culturais formaram-se através de uma experiência histórica comum, Abdala Junior nos mostra como regiões de repertório híbrido e polissêmico possuem condições, na contemporaneidade, para a “constituição de um bloco comunitário em contraponto à monologia dos fluxos hegemônicos”.

Em “Considerações sobre processos de circulação literária – a matriz cultural indígena na matriz cultural brasileira”, Fábio Almeida de Carvalho, ao evidenciar que a circulação de vozes historicamente silenciadas modificou as formas de percepção das matrizes culturais brasileiras, nos oferece algumas reflexões sobre o processo de inserção literária de textualidades indígenas. Compartilhando sua experiência como pesquisador no *Projeto Anikê*, coletando narrativas no interior das comunidades indígenas no estado de Roraima, Almeida de Carvalho, professor da Universidade de Campinas, nos mostra a necessidade de reformulação não apenas do objeto da literatura, mas do espaço que se constrói a partir da constituição dos saberes histórico, geográfico, estético e social.

O ensaio de Roberto Mibielli, professor da Universidade Federal de Roraima, também nos oferece importantes contribuições ao campo da história de Roraima. Em “Tupy or not tupy that is the question, o vazio e a questão da circulação literária e cultural na Amazônia: pensando uma literatura ‘sem caráter’”, Mibielli chama atenção para o movimento cultural chamado Roraimeira, criado em 1984, que, diferentemente do Modernismo de 22, propunha uma estética baseada na cultura ancestral e na paisagem local. Segundo Mibielle, embora o líder do projeto, o poeta Eliakin Rufino, justificasse a adoção da cultura indígena como sendo um ato de resistência contra uma “elite local racista e não indígena”, também se deve apontar que seria uma “forma de estandarização de um certo discurso exótico que moldou como a Amazônia foi vista desde os tempos dos viajantes”.

Voltando-se para a circulação de ideias literárias no Brasil durante o século XIX e revisitando o projeto de construção de uma consciência nacional erigido pelos representantes do movimento romântico, encontramos o ensaio “A circulação de ideias dentro da crítica literária do século XIX entre França e Brasil: o papel dos viajantes”, de Maria Elizabeth Chaves de Mello. Ao analisar como as discussões em torno do fictício e do imaginário nos textos desse período, bem como o papel das narrativas de viagem na formação da literatura brasileira podem servir de ponto de partida para novas explorações críticas, Chaves de Mello, professora da Universidade Federal Fluminense, nos mostra que em uma nação recém independente, com um público leitor fortemente influenciado pela França e uma elite política voltada para a Inglaterra, era natural que o intelectual valorizasse o nacional. Trazendo à baila as contribuições de Ferdinand Denis e Auguste Comte, a autora destaca que a nacionalização era necessária para romper com o desarraigamento do sistema intelectual e para que a cultura nacional pudesse se estabelecer a nível internacional.

Também interrogando os projetos europeus nas Américas, mas sob a égide da análise do discurso, encontramos o trabalho “A enciclopédia brasileira, política de linguagem e circulação das ideias sobre democratização da cultura: Mário de Andrade (1939) e Eurialo Canabrava (1957)”, de Bethania Mariani, professora da Universidade Federal Fluminense. Observando que o estudo de enciclopédias e de materiais escolares, instrumentos linguísticos vinculados ao contexto sócio-histórico no qual estão inseridos, nos possibilita compreender criticamente a interação entre memória e esquecimento, Mariani recorre aos projetos de Andrade e Canabrava como fontes privilegiadas de acesso à formação de uma linguagem nacional em sua relação com o estado-nação. Evidenciando que a criação das enciclopédias surgiu em condições específicas de produção que envolviam uma imagem de unidade associada ao reconhecimento da diversidade, Mariani nos mostra que a língua falada hoje pelos brasileiros faz parte de um produto simbólico e historicamente construído no seio de uma heterogeneidade social, étnica e linguística.

Em “A ideia de *sobranceria* no ensaio Luso-Brasileiro de interpretação nacional”, Robert Newcomb, professor associado da Universidade da Califórnia, chama atenção para as diferentes abordagens do conceito de *sobranceria* em circuitos de comunicação entre Portugal e Brasil durante o final do século XIX e início do XX. Trazendo à baila os estudos de Manoel Bomfim, J. P. Martins Oliveira e Sérgio Buarque de Holanda em que se encontram referências que fundamentariam as diferenças entre os processos de colonização implantados na América, Newcomb nos mostra como a ideia de *sobranceria* pode fornecer a base para uma discussão multigeracional e transatlântica de intelectuais luso-brasileiros no que tange à especificidade da cultura ibérica e as raízes ibéricas da cultura brasileira.

O estudo apresentado por Kenneth David Jackson, da Universidade de Yale, adiciona novas abordagens sobre os processos de apropriação cultural no interior das poéticas machadianas. Em “Machado de Assis: o teatro do mundo”, Jackson nos mostra como a presença constante de óperas e peças teatrais no cotidiano do Bruxo do Cosme Velho deixou marcas indeléveis em sua ficção. Percorrendo algumas de suas obras, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Ressurreição*, Jackson sugere que as verdades ocultas de seus personagens foram construídas de modo a serem vislumbradas através do que Machado chamou de “motivação plástica”, observada em cada gesto, passo e movimento de um teatro. Para o professor e pesquisador, o escritor do século XIX dramatizou o mundo da cidade falível que observou com a distância de um crítico e a simpatia de um público compreensivo.

A circulação do desejo de uma vida melhor também merece destaque nessa coletânea de ensaios. Em “À procura de uma terra da felicidade: a utopia e seus insatisfeitos”, Zhang Longxi, professor da Universidade de Hong Kong, vê nas “ficções da utopia” um gênero importante da literatura mundo. Observando que a procura pela felicidade encontrou muitas expressões em várias formas – um paraíso, uma Idade de Ouro, uma Shangri-la, uma sociedade ideal –, Longxi, numa mirada comparativa que vai desde a análise de uma canção folclórica chinesa produzida há mais de dois mil anos, até chegar a Jorge Luis Borges, evidencia que a utopia coloca os discursos literário e político em um relacionamento especialmente próximo. Se por um lado, a utopia pode ser compreendida como uma projeção sobre um espaço fictício criado pelo texto da narrativa; por outro lado, o projeto que ela estabelece avança para o lado da história, numa espécie de eterno retorno.

Fechando o livro, José Luís Jobim, em “O canibalismo como apropriação cultural: de Caliban ao *Manifesto Antropofágico*”, produz uma reflexão madura sobre a apropriação da figura do canibal, observando que na circulação literária e cultural entre as Américas e a Europa, a antropofagia gerou uma produtividade de sentidos que só pode ser compreendida em perspectiva histórica. Apresentando a figura do canibal em dois tempos, o professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense, nos oferece um percurso crítico que vai deste Caliban e sua relação com outros personagens de *The Tempest*, no circuito do debate europeu e latino-americano, até chegar ao *Manifesto Antropofágico*, por meio do qual se reavalia o conceito de “identidade”.

Diante desses dezessete ensaios que compõem o livro *Literary and Cultural Circulation / A circulação literária e cultural da obra*, verificamos que nenhum texto, seja ele literário ou histórico, é um universo fechado e nem se apresenta apenas como mecanismo representativo do espaço no qual se encontra inserido. Se as teorias também viajam, como diria Edward Said (2000), podemos dizer, então, que tais estudos, constituem-se como verdadeiras viagens teóricas cuja rota de navegação não é mais traçada em torno da oposição entre *transnacionalidade* e *nacionalidade* ou entre *nacionalismo* e *globalização*. Ao percorrer terras europeias, americanas, africanas e asiáticas num jogo pertinente de atualização do quadro das discussões contemporâneas sobre tais conceitos, problematizando teorias correntes, *Literary and Cultural Circulation / A circulação literária e cultural* oferece ao leitor e as disciplinas da Crítica Literária e Literatura Comparada desdobramentos de grande relevância: ao leitor, a possibilidade de um olhar mais atento aos tempos de crise de um mundo por onde circulamos e habitamos;

e à Crítica Literária e à Literatura Comparada, novos horizontes de investigação, para além de seus limites convencionais.

**Referências bibliográficas:**

JOBIM, José Luís. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SAID, Edward. Traveling Theory. In: *The Edward Said Reader*. New York: Vintage Books, 2000.

Received May 07, 2017

Accepted August 10, 2017